

A FOME PROTESTA!

AS ESPOSAS DOS FERROVIÁRIOS DA REDE SUL-MINEIRA DE VIAÇÃO PROTESTAM CONTRA A FALTA DE PAGAMENTO DOS SALÁRIOS DOS TRABALHADORES DAQUELA VIA FERREA

O que acaba de se passar em Cruzeiro, onde as esposas dos trabalhadores da Rede Sul Mineira de Viação, em sinal de protesto contra a extrema miséria a que viram reduzidos os seus lares em virtude da falta de pagamento dos salários dos funcionários daquela via ferrea pertencente ao Estado de Minas, que há três meses não recebiam os respectivos vencimentos, prostraram-se diante da composição ferrea das 8 horas, impedindo a sua partida, é uma demonstração das injustiças sociais da sociedade atual.

O Estado, com todo o seu cortejo de infâmias, assenta a base na exploração e na miséria dos trabalhadores. E para estes, que

são as alavancas do progresso, que tudo produzem para que os parasitas acastelados das instituições governamentais possam consumir e gastar à tripa fôrra, não há dinheiro nem mesmo para lhes pagar os salários, os magríssimos salários de fome de que necessitam para não deixar morrer à míngua a esposa e filhos!

Há dinheiro para as grandes farras políticas, para os "grandes empreendimentos" militares, mas não há verba para pagar a quem trabalha. E quando a fome protesta; quando esse protesto toma a figura do desespero e sai à rua para exibir a miserável situação em que vivem as famílias dos tra-

balhadores, o Estado aponta-lhes a porta do carcere e o brilho das balonetas manejadas por soldados que são filhos do povo, mas cuja disciplina os obriga a matar ainda que seja aos seus parentes.

Só diante do aspecto da miséria revoltada se lembram os senhores do governo de "remediar

o mal", não porque sintam as suas dificuldades e a sua miséria, mas porque temem os efeitos que a vista de mães famintas, crianças esfarrapadas e subnutridas, possam causar nas próprias forças armadas que os sustentam.

Os fatos históricos da revolução francesa, quando os miseráveis de Paris fizeram voltar contra o Palácio das Tulherias os canhões das suas defesas e fez empalidecer o rei, que pensava contar com esses canhões para abafar os gritos da plebe, constituem seria advertência aos poderosos de todas as épocas.

Os governantes tremem quando a fome protesta!

SÃO PAULO, 24 DE OUTUBRO DE 1949

ANO 23 — NUM. 25 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Aviso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00 — Caixa Postal, 5739)

Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

O Anarquismo não pretende igualar os homens na miséria; tem em vista estabelecer condições sociais que permitam a todos os seres humanos tomar parte no banquete da vida com iguais direitos e deveres.
Anselmo Lourenço

ONDE ESTÃO OS CULPADOS?

Um recorte que me veio às mãos, com data de 12-8-48, fez-me tomar conhecimento de uma reportagem de Edmar Morel, enviado especial de "A Folha Carioca" à Europa.

Refere-se a um espetáculo comum do pós-guerra, que, por casualidade, observou aquele jornalista na Itália.

Com o propósito de refrescar a memória dos provocadores da guerra, não me furto do desejo de transcrever alguns trechos da reportagem que traz a assinatura de Edmar Morel.

"Repito que a reconstrução da Itália é simplesmente impressionante. A guerra deixou tristes lembranças na pátria de Garibaldi. Um desfile trágico deveria marcar a minha passagem por Roma. Era um cortejo de crianças aleijadas, 150 "bambinos", representando 15 mil crianças horrivelmente mutiladas pela guerra, foram ao Papa pedir proteção.

"Essa multidão de crianças semivivas marchava em direção ao Vaticano.

"Tal passeata emocionou profundamente a população. O prestito não tinha banda de música, nem bandeiras, nem fogos de artifício. Eram pequenos corpos sem braços, sem pernas e com horríveis cicatrizes.

"Ambos foram vítimas de bombardeio aéreo, em Napoli. O pai morrera num campo de concentração; e a mãe morreu de fome..."

"E o jornalista estende-se em considerações a propósito dessa estranha marcha que é bem o símbolo dos que, em 1922 marchavam sobre Roma que enchia o peito de Mussolini quando falava às massas do famoso balde.

Aquela marcha de muletas e frangalhos de crianças é a consequência da celebre marcha de triste memória que já escondia em seu bojo o extermínio de milhões de seres vitimados pela guerra.

Essa procissão de muletas é um axioma para os culpados. Eu acuso-os!...

Essa procissão de pequenos cadáveres ambulantes é que a humanidade precisa reter na memória para a sua redenção. Essas pobres crianças que tragicamente expunham nas ruas de Roma em marcha para o Vaticano — que ironia! — as suas mazelas físicas e morais, que não chegaram a viver, vítimas de todos os infames que viveram e vivem à custa do sangue derramado nos campos de batalha em nome de todas as pátrias, são o resultado da terrível comédia do maquiavelismo político.

Esquecendo Ideias...

O monopólio dos meios de produção pelo Estado e por determinados grupos privilegiados, na sociedade atual, faz do dinheiro um meio de produção, sem o qual não é possível o trabalho social como não é possível também a posse dos instrumentos de trabalho.

Rudolf Rocker

Corrida para a GUERRA

Enquanto não havia a certeza de que a Rússia estava de posse do segredo atômico, a produção de bombas nos Estados Unidos tinha caráter político apenas; serviam-se desse espantoso para impor a sua política de domínio através o plano Marshall. Mas um dia estourou a boiada nos setores da política internacional: a Rússia estava fabricando a bomba atômica!

Depois disso, começou a corrida armamentista. As duas potências que hoje representam o fiel da balança das relações internacionais; que formam os dois polos de atração para o abismo da guerra, disputam-se mutuamente a produção atômica, no sentido de possuir cada qual os meios mais eficazes de destruir o gênero humano.

A economia dos povos, não só dos povos representados pela Rússia e Estados Unidos, mas dos povos de todo o orbe terrestre, ao invés de servir para dar aos povos os meios de vida capazes de justificar a razão da existência, vai toda para os laboratórios de energia atômica e entra nessa corrida louca do armamentismo capitalista para realizar provisões de morte que têm por fim a nova guerra, as novas mutilações de jovens e crianças, o novo estado de pavor e de loucura em que terá de mergulhar a humanidade.

E' essa a solução que o capitalismo encontra para resolver os problemas sociais: guerra, guerra, guerra, morte, loucura, prostituição, miséria. E' o eterno recomeçar das ruínas de Palmyra, dos escombros da vida dos povos sacrificados ao moloch do Estado!



Passaram por aqui legiões de "heróis". E transformaram em ruínas as cidades espalhando a morte, a declaração, a miséria e o desajustamento. Todas as cidades chinesas oferecem este aspecto doloroso. Na Grécia, a luta continua ensanguentando os caminhos que poderiam conduzir à arte. E os governos das potências que caracterizam o Estado no apogeu do seu desenvolvimento continuam a sonhar com a guerra, só falam em guerra, preparam a guerra. Abaixo a guerra!

Nasce na Palestina um Mundo Novo!

A PLEBE publicou há tempos uma reportagem sobre as colônias livres do Vale de Emek, na Palestina, salientando o sentido profundamente social da sua organização, com base no apoio mútuo.

Constitue uma experiência cujos resultados, se não houver a interferência do princípio de autoridade, podem alicercar uma nova sociedade de gente livre e feliz, base do edifício do mundo de amanhã.

A recente exposição "Israel Ressurge", que esteve instalada na Avenida Ipiranga e pela qual passaram, em visita, perto de 35.000 pessoas, evidenciava mesmo que na Palestina está surgindo uma nova sociedade com bases socialistas, em que se unem a capacidade científica dos homens do laboratório, a prática e o trabalho do agricultor e a força construtiva do operário, não para se guerrearem e dividirem, mas para se unirem, numa conjugação de esforços, para a conquista dos desertos e pantanais que transformam em hortas e pomares.

As colônias judaicas da Palestina datam apenas de meio século. E o que já se fez, se tivermos em conta as condições agressivas do meio ambiente, demonstra o que seria capaz de fazer a humanidade sem os entraves do Estado e suas instituições opressoras.

Nem mesmo à criação do recente Estado de Israel que surgiu, talvez por necessidade política, do seio da Sociedade das Nações Unidas, conseguirá jamais deter o espírito criador e a livre iniciativa dos membros das coletividades agrícolas do Emek, onde, anarquicamente, vivem aproximadamente 45.000 pessoas em perfeita harmonia e comunhão de sentimentos.

E' preciso frisar que as coletividades agrícolas do Vale de Emek não sentiram nunca a necessidade de um governo; o Estado de Israel surgiu apenas agora, e as colônias agrícolas daquela região, transformada, de pantanais exaustivos e áridos desertos, em terras de cultura férteis já existem há mais de cinquenta anos.

E é tão fecundo o exemplo da harmonia coletiva que reina entre os judeus que se congregaram naquela obra de solidariedade, que os bandos nomades de árabes que se aproximam das coletividades agrícolas com visíveis sentimentos hostis, ao terem conhecimento do modo de viver dos judeus, acabam adorindo, deslumbrados com o novo mundo que ali está surgindo!

Apesar de ser, a Exposição "Israel Ressurge", organizada sob os auspícios do Estado de Israel, transcrevemos, de uma nota publicada no jornal "O Estado de São Paulo", em 1-7-49, as seguintes apreciações:

"Largo espaço da exposição, ocupam as conquistas agrícolas. As cifras apresentadas abalam profundamente a opinião de que os judeus não possuem aptidão para essa atividade. São deusas impressionantes os números, gráficos e ilustrações testemunhando o extraordinário esforço que drenou pantanais, eliminou a malária, transformou o clima de zonas antes inabitáveis; que arrancou do nada jardins, hortas e plantações modelares colhendo frutas, legumes, cereais de variedade e qualidade surpreendentes; que povoou desertos, construiu centenas de cidades e aldeias, levou escolas até a última povoação e eletrificou fazendas afastadas e as casas remotas.

Tal resultado só pode ser conseguido pela estreita colaboração entre o pioneiro e o cientista. A ciência, que geralmente começa a desenvolver-se em fases adelantadas da vida nacional, participou da reconstrução israelita desde o início, sem que por isso se desprezasse a pesquisa desinteressada, cujos centros são a Universidade Hebraica de Jerusalem e o Instituto Científico de Rehovot, perto de Tel-Aviv.

Os homens representativos de Israel, vê-se num gigantesco cartaz, são o agricultor e pioneiro, o operário e o cientista. Mas o escritor e o jornalista são objetos de uma homenagem especial."

E' um mundo novo que surge na Palestina das tradições inquietantes dos destinos da humanidade. Um mundo que caminha para a anarquia, se, mais uma vez, a organização estatal não estrangular essa manifestação de vida livre.

O Odio e o Amor

Ao odio, filho da mentira e da ignorância, oponhamos o amor, filho da ciência e da verdade. O amor profundo e desinteressado por tudo quanto enalteça e dignifica a Humanidade. O amor pelo pensamento e pela arte. O amor pelas conquistas da liberdade. O amor pelo sentido humano que realmente tem...

Elaboram em erro aqueles que julgam que o conhecimento mata o amor. Amor e conhecimento se completam. Amamos mais aquilo que mais conhecemos e de cujas boas qualidades temos plena consciência.

Por isso, conhecendo as maiores belezas da vida, amaremos mais essas belezas e trataremos de conquistá-las e aperfeiçoá-las.

Porque somente amando é que o homem cria e se supera a si mesmo.

O odio é uma força negativa. O amor uma força positiva.

Gerard de Lacaze Duthiers

Programa Anarquista

A LUTA POLITICA

ERRICO MALATESTA

Por luta politica entendemos a luta contra o governo. O governo compoe-se de individuos que obtiveram alguma maneira qualquer o poder e que o deusem atualmente; poder de fazer leis e poder de impo-las aos governados, quer dizer, ao publico.

O governo é um produto do espirito de dominio e de violencia. E' o instrumento coletivo utilizado por alguns homens para impor aos outros as suas "competencias" reais ou ficticias. E' o criador dos privilegios, sua criatura e seu defensor natural.

E' falso dizer que o governo desempenha docilmente, na atualidade, o papel de defensor do capitalismo e que, uma vez abolido o capital, tornar-se-ia ele o representante e o fiel gerente do interesse de todos. Primeiramente, o capitalismo atual nao utiliza o governo como um simples instrumento, mas sim o governo é dominado e organizado por ele. Para que os trabalhadores possam apoderar-se das riquezas sociais e organizar no interesse de todos a producao e o consumo — é preciso expulsar o governo de todas as suas posicoes, reduzi-lo a impotencia, ignorando-o, — e aboli-lo definitivamente.

Se a exploracao capitalista fosse destruida e o avivam tornando-se insistentes e ameaçadores, o governo revolucionario nao deixaria de restabelecer a exploracao sob uma forma qualquer, concedendo toda a sorte de privilegios as novas "competencias sociais". Nao podendo contentar toda a gente, o governo teria necessidade naturalmente duma classe economicamente forte que o sustentasse, em troca da protecao legal e material que ela receberia dele.

Em conclusao, nao se pode abolir o privilegio e estabelecer solidamente, definitivamente, a liberdade e a igualdade sociais, sem acabar com o governo, acabando definitivamente com a instituicao governamental mesma.

Nisso, porém, como em todos os fatos de interesse publico (e mais ainda que em qualquer outro), é preciso que se obtenha o consentimento geral. Eis porque devemos esforçar-nos por persuadir toda a gente de que o governo é inutil e nocivo; que se pode passar sem ele e que se passará muito melhor. Somente, como já dissemos, a simples propaganda é impotente para conseguir tudo isso, e se nos contentarmos em pregar contra o governo — esperando, de braços cruzados, o dia em que o publico estivesse convencido da possibilidade e da utilidade de acabar com não importa que qualidade de governo — esse dia certamente jamais chegaria.

Eis porque, denunciando toda a especie de governo e reclamando sempre a liberdade integral, devemos ajudar todo o combate pelas liberdades parciais, convencidos de que é pela luta que a luta se prepara e que aquele que toma gosto pela liberdade, finda por querê-la para sempre em toda a sua integridade. Devemos sempre estar com o povo e quando não conseguirmos fazer-lhe querer muitas coisas, procurar que, pelo menos, aspire a "alguma" coisa. E devemos redobrar de esforços para que o povo aprenda — com pouca ou muita vontade — a querer conquistar por si mesmo, e a odiar e desprezar todo aquele que foi, vá ou pretenda ir governar.

Pois que o governo possui hoje o poder de regular por leis e decretos toda a vida social; pois que se arroga o direito de ampliar ou restringir a liberdade dos cidadãos; e, pois, que não podemos ainda arrancar-lhe tudo isso — devemos, portanto, procurar despojá-lo pouco a pouco e obrigá-lo a fazer do resto o uso menos perigoso possível. Mas esta ação devemos sempre sustentá-la fora do governo e contra ele, pela agitacao nas ruas, ameaçando tomar à força o que se recusa conceder. Nunca deveremos aceitar uma função legislativa ou executiva, nacional, estadual ou municipal — porque, caso contrário diminuiríamos a eficacia de nossa ação e trairemos o futuro da nossa causa.

A luta contra o governo resume-se em ultima análise, em luta fisica e material. O governo faz as leis. Deve portanto dispor duma força material (exército, policia), para impor as leis. Doutra modo só obedeceria quem quisesse, e não haveria mais lei, mas uma simples proposicao, que cada um poderia aceitar ou repelir. Os governos têm essa força e servem-se dela para reforçar o seu dominio legal, no interesse das castas privilegiadas, aprisionando e explorando os trabalhadores.

O unico limite à opressão governamental é a força que o povo se mostre capaz de lhe opor. Pode haver conflito aberto ou oculto, mas há sempre conflito, porque o governo não se detém diante do descontentamento e da resistencia populares, se não quando sente o perigo duma rebelião popular.

Quando o povo se submete docilmente à lei — ou quando os protestos são fracos e platonicos

— o governo toma suas resoluções sem se ocupar das necessidades do povo. Quando os protestos se avivam tornando-se insistentes e ameaçadores, o governo, como o estado de suas forças e a natureza de seus cheies, cede ou reprime. E' preciso, porém, chegar sempre a insurreicao, porque se o governo nao cede o povo acaba por se encorajar, e se ele cede o povo toma consciencia da sua força e exige sempre mais, ate que a incompatibilidade entre a liberdade e a autoridade se torne evidente e desencadeie o conflito.

E' pois, necessario preparar-se moral e materialmente, para que ao termo da luta violenta, a victoria pertença ao povo.

A insurreicao victoriosa é o fato mais eficaz para a emancipação popular — porque o povo tendo saído do jugo, torna-se livre para fundar as instituicoes que ele prefira. E' então que a distancia que separa o nivel legal dos costumes (sempre retardatario), do nivel de civismo ao qual chegou a massa da população, pode ser transposto dum salto. A insurreicao abre o caminho à revolucao, isto é, à entrada em atividade das forças latentes acumuladas durante o periodo precedente de evolucao.

Tudo depende daquilo que o povo seja capaz de querer. Nas insurreicoes do passado, o povo inconsciente das verdadeiras causas de seus males, quis muitas coisas, mas muitissimo poucas coisas resultaram.

QUEM QUERERA' — E QUE QUERERA' — A PROXIMA INSURREICAO?

Isso depende em grande parte do valor de nossa propaganda, e da energia que pudermos desenvolver.

Deveremos incitar o povo a expropriar os possuidores e a pôr em comum todos os produtos disponiveis; organizar a vida social mesma por associações livremente constituídas, sem atender a ordens de ninguém; recusar nomear — ou reconhecer — qualquer governo; desobedecer a todo corpo politico que (sob nome de Assembléa Constituinte, de Comité executivo, Ditadura revolucionária ou qualquer outro), se atribuiria, mesmo a titulo provisório, o direito de fazer leis e impor aos outros a sua vontade pela força.

E se a massa popular não corresponde ao nosso apelo, deveremos — em nome do direito que conservamos de ser livres mesmo se os outros querem permanecer escravos — e pela eficacia do exemplo — agir por nós mesmos tanto quanto pudermos no sentido da realizacao de nossas idéias. Não deveremos reconhecer o novo governo; deveremos manter viva a resistencia e fazer que as localidades onde as nossas idéias sejam simpaticamente acolhidas se constituam em comunas libertarias, repelindo toda a ingerencia governamental, estabelecendo relações livres com outras localidades e procurando viver à sua vontade.

Deveremos, sobretudo, opormo-nos por todos os meios à reconstituicao da policia e do exercito, e aproveitar todas as occasioes propicias para incitar os trabalhadores das localidades "não-anarquistas" a fazer outro tanto. E qualquer que seja o resultado, continuar a lutar, sem um momento de tréguas, contra os proprietarios e os governantes, tendo sempre em vista a emancipação completa, economica, politica e moral de toda a humanidade.

V. — CONCLUSAO

Queremos, pois, abolir radicalmente a dominacao e a exploracao do homem pelo homem. Queremos que os homens, unidos como irmãos por uma solidariedade consciente e voluntaria, concorram da melhor vontade para o bem estar de todos. Queremos que a sociedade seja organizada para fornecer a todos os seres humanos os meios materiais e morais para atingir o seu completo desenvolvimento. Queremos para todos pão, liberdade, saber e amor.

E' para alcançar esse fim supremo que cremos necessario pôr os meios de producao à disposicao de todos, e que nenhum homem ou grupo de homens, possa obrigar os outros a obedecer à sua vontade, de modo que só a influencia do exemplo e da razão prevaleçam.

Portanto: expropriação dos detentores do solo e do capital em proveito de todos e abolição do governo.

Esperando, eis o que se pode fazer: propagar o ideal anarquista; organizar as forças populares; combater sem cessar — de modo pacifico ou violento, conforme os casos, o governo e o capitalismo, a fim de conquistar o mais que se puder de liberdade e de bem-estar para todos.

Para que serviu e para que serve o anarquismo?

Sem representantes no Parlamento e no Senado, sem uma comitiva de sindicatos prontos a declararem greves ao mando dos "companheiros" influentes nas comissoes internas; sem ter por base um partido que conta milhares de aderentes disciplinados a dizerem hoje negro, o branco, e amanhã, o branco, vermelho, e a fazer demonstrações anti-religiosas, como a seguir atrás das procissoes; sem depositos nos bancos e sem grandes empresas publicitarias; sem ter a guarda-lo uma nação aguerrida e grande fornecedora de dinheiro e sem a simpatia dos "independentes" e dos grandes literatos e artistas; fechado ao affluxo adesivo das maiores firmas do passado regime e para cumulo sem vontade de ser amanhã governo:

Para que tem servido, serve, e poderá servir, visto nada dar a quantos estão dispostos a entrar em qualquer movimento, não importa qual, e a fazer toda a casta de tropellas a troco duma subvenção ou dum estipendio?

Tenham os incautos sempre presente de que o anarquismo não dispõe dos favores de nenhuma categoria respeitável; circunda-o, quando não o desprezo, a comiseracao; a sua classica incompreensão das vantagens da estratégia oportunística e das mãos estendidas ao primeiro que apareça, mesmo só a troco de fazer numero, mantém-no fora dos certames das civis e autorizadas manifestações coreograficas.

Para encher a quarta parte dum grande praça deveria fazer vir os seus aderentes das mais longinquoas e dispersas localidades. E isso mesmo nunca o poderá fazer, porque não dispõe de caminhões.

A sua presença é por isso inconsistente, desnecessaria e perturbadora.

As direitas e as esquerdas, Scelba e Togliatti, o Vaticano e a Maçonaria, deveriam combinar-se para liquidar, de uma vez para sempre, uma fonte de hiperinflacionismo importuno, para a qual nada existe de sagrado, e que envenena a consciencia de quantos surpreende e que poderiam ser bons cidadãos, herolos eleitores, crentes que ignoram a duvida, voluntarios do exercito de Pacciardi e membros ativissimos de um partido que sabe ser nacionalista e internacionalista, subversivo e lealista, ateu e sacristão quando calha ou convém.

Agrade ou não agrade, o anarquismo é uma necessidade historico-social estendida, com os pés no presente, para o futuro, a preparar diques defensivos contra as tórvas aluviões totalitarias que ameaçam todos os continentes e todos os povos e sobretudo o homem não disposto a renunciar à propria personalidade, à propria liberdade de pensamento e de movimento.

O anarquismo é a barricada ideal, da qual o individuo se defende contra a sufocação e a castração que pretendem operar nele, os sequazes do dogma, os janizaros do poder, os clericalões ajoelhados perante os altares do principio de Autoridade: Deus feito Estado, o tirano feito carasco...

Sob bandeiras diversas, policromaticas, em cujas flutuações se

agrupam emblemas de todas as illusões, como por exemplo, cruces brancas e livros vermelhos, martelos e foices, estrelas brancas em céus azuis, sóis amarelos e animais roubados de um jardim zoológico apocalitico, todos verdadeiros emblemas racistas, as vanguardas do exercito anti-humano avançam salmodiando e cantando hinos de paz que são hinos de guerra. Cantos de serelas enganadoras, não saídas dos mares, mas dos exotos urbanos, sentadas, desgremadas e hibricas, em frente àquelas grandes casas de metrículo que são as sedes dos partidos; os palacios governativos e apostolicos fazem coro àqueles hinos, àquele salmodiar, e há um publico de idiotas e eunucos que aplaude.

Atrás das vanguardas burlescas ressoa sobre o sólo o martelar cadenciado dos pesados passos dos legionarios da Grande Opressão e mais longe xlam os eixos dos carros armados e o céu faz-se escuro porque os grandes gaviões da morte encobrem o sol.

E o anarquismo está lá, mesmo que não seja senão para gritar a voz de alarme àqueles que não querem ouvir, que não querem compreender, aos imbecis que continuam a crer que é a Revolucao que avança. Sozinho, patrulha da qual os colocados na outra margem creem facil desembaraçar-se com alguma dezena de tiros soviéticos em a nuca ou com alguma descarga de metralhadora impunhada por mercenarios ao serviço do Estado burguês.

Porém os assassinos chegariam atrasados, porque o anarquismo não tem gritado em vão. A sua presença serviu ontem, serve hoje e servirá amanhã. Onde quer que ouvidos se aprestem a escutar o seu grito de alarme. Muitos o têm feito, certamente, crendo usurpá-lo e justificar assim a sua presença de incongruentes.

O anarquismo trabalhou, trabalha e trabalhará pelas batalhas de amanhã, que alinharão em todas as frentes os combatentes da Liberdade, aquela contra quem, direitistas e esquerdistas, marcham ao ataque, em nome de Cristo, de Marx, de Robespierre.

GIGI DAMIANI

A PLEBE

A publicação normal de A PLEBE depende do espirito de sacrificio e da boa vontade dos contribuintes que sentem a necessidade da divulgação dos principios libertarios. Não é um jornal para negocio e não visa lucros. Por isso mesmo não tem publicidade constituindo a sua unica fonte de renda as assinaturas, a venda avulsa, e as contribuicoes dos simpatizantes.

Nenhum dos companheiros que têm a responsabilidade redatorial de A PLEBE é remunerado. Dedicam à A PLEBE as horas que dispõem para seu descanso dos afazeres profissionais.

Empenham-se, pois, os homens livres, os simpatizantes e idealistas do anarquismo, por manter a publicação deste jornal que é o porta-voz de todos os que aspiram a um mundo de Liberdade e Justiça.

Para o proletario não existe ciencia, nem artes, nem historia, nem literatura, nem palavra, nem politica, nem nada do que constitui na sociedade atual o traço de separação entre a civilização e a barbarie.

Amestrado desde a infancia na escola da obediencia, da fé dogmatica e do respeito às instituicoes criadas para o servilizar, é empregado em todas as empresas necessarias à manutenção da sua propria escravatura, desde a exploracao de sua força produtora, que o consome gradativamente, até o serviço militar e a guerra fratricida, que o extingue rapidamente quando é mister.

Enquanto isso, o rico possuidor de todos os bens naturais ou subtraídos ao cosmos bruto e transformados para o consumo e manutenção da vida, vive regorgitando de plenas satisfações, gozando de todo o bem-estar proporcionado pelas mais modernas realizações da ciencia e da técnica, acumulando, muitas vezes, também prematuramente, pelo desregramento e abuso sem proveito de todos os prazeres de que pode dispor

Será difícil encontrar no mundo contraste mais estranho que o verificado na produção e distribuição de todos os gêneros necessários à manutenção da vida.

Parece que há muitos séculos os homens esqueceram os mais elementares principios da ética da natureza, substituindo-os pela mais extravagante forma de relações na sociedade atual.

Sabe-se, pela historia, que os primitivos povos deste planeta praticavam o auxilio mutuo, não só entre individuos isolados, mas pelas comunidades entre si e no seio delas proprias. "Era costume, diz um historiador, entre os selvagens que o homem que dispusesse de viveres os partilhasse com quem não tinha, ou com os viajantes que pediam pouso; as comunidades vitimas das secas eram alimentadas pelos vizinhos". "Se um homem se sentava no campo para comer e avistava outro, chamava-o para a refeição". "Os índios americanos, eu os observei dividindo a caça entre si, e não me recordo de nenhuma disputa ou queixa na repartição. Preferiam dormir do esto-

magos vazios, a deixar de satisfazer um necessitado. Tratavam-se entre si como uma grande familia".

Entretanto, à medida que os povos primitivos foram avançando no caminho da civilização, o comunismo primitivo desapareceu, dando lugar ao atual individualismo.

Por que os homens preferiram substituir aquela forma de sociedade em que todos compartilhavam, sem se sentirem oprimidos, todos os bens e todos os trabalhos necessarios para manter o melhor possível o conforto da comunidade, por este outro regime de luta cotidiana, de adversidade social, que consome a maior parte da capacidade, produtora do povo e sufoca o sentimento de fraternidade que deveria animar todos os individuos? E como ocorreu, porém, esse desigual fenômeno social?

Eu não crelo que os homens encontrem maior soma de felicidade consumindo tanta energia inutil e prejudicial só para manter esta organização em que os preconceitos e as instituicoes são contrários ao desenvolvimento espontaneo das aptidões naturais de cada ser humano.

Prova disto é que todos os dias, em todos os lugares, os protestos dos oprimidos levantam-se apontando, pela imprensa, pelo radio, pela tribuna, por todos os meios possiveis, os sofrimentos que lhes ferem a propria carne, tornando-lhes a situação angustiosa.

Realmente, é entristecedor o panorama que apresenta a vid amiseravel que levam os produtores de todos os países, das cidades e dos campos, na labuta constante para o enriquecimento do patrimonio social de que

a mais pequenissima migalha recebem.

O teto que lhes dá abrigo, onde repousam para recuperar as energias de cada dia de trabalho, mal merece o nome de casa, pois não tem o menor conforto ou curto espaço espremido entre as paredes onde não penetram os raios do sol nem o ar circula devidamente, com os poucos móveis e agasalhos amontoados, não permitindo a higiene necessaria nem a suficiente disposicao que proporcione o bem-estar. A alimentação indispensavel e a roupa mais urgente para o uso diario, da pior qualidade e sempre escassa, nunca suficiente, custa a ganhar trabalhos insanos, exaustivos, que consomem a propria vida a pouco e pouco, transformando cada operario em peça de um maquinismo imenso, sem vontade e sem consciencia propria, aviltando a natureza humana.

POBRES E RICOS

LIBERTO LEMOS REIS

Espanha Tragica

A revista "The Nation" (Nova-Iorque, 18-7) publica as seguintes informações que disse ter recebido de um amigo residente na fronteira franco-espanhola.

"Como se temia, a oposição encontrada por Franco em as Nações Unidas desencadeou uma nova onda de terror interno em Espanha. Franco está indignado por não ter podido convencer as Nações Unidas a abrir-lhe as portas, e o Export-Import Bank a dar-lhe os milhões de dolares que lhe são precisos para vencer a crise que o assalta; e então virase contra os "republicanos".

A mais sensacional desta nova série de atrocidades foi o enforcamento de quinze guerrilheiros nos logarejos de Sella e de Ralleu, na provincia de Alicante. O Departamento de Estado de Washington deve estar informado deste crime, pois que o mesmo foi descoberto por um empregado do Consulado dos Estados Unidos. Temendo um protesto da parte do governo americano, as autoridades espanholas conservaram o mais absoluto silencio sobre a matança, e o mesmo fizeram os jornais e o radio.

"Os prisioneiros são novamente seviciados com tanta brutalidade que muitos recorrem ao suicidio. O socialista moderado Nicolau Redondo, depois de ter sido espancado de maneira barbara, precipitou-se de uma janela na repartição da policia de Zucechu, em Bilbao. Queriam que ele denunciase seus companheiros. Ficou com ambas as pernas partidas, invalidando-se para o resto de sua vida.

"Em Larrinaga, tambem em Bilbao, um outro socialista moderado, do qual não consegui saber o nome, matou-se, atirando-se da janela da prisão. Um militante sindicalista de nome Axpe enlouqueceu, em consequencia das torturas applicadas e foi internado no manicómio de Zaldirar, em Biscaya.

"Recebemos estas noticias porque a região Basca está a só uma hora de aqui, mas não há duvida que coisas semelhantes acontecem em todo o resto da Espanha, mesmo que não se consigam noticias. A radio falangista combinava até há poucos dias os ataques diretos contra a Inelatterra com as adulações dirigidas aos Estados Unidos; agora, pelo contrario, assalta a economia alimentar americana com veemencia insuperada até por Moscou".

Um companheiro espanhol que se mantém ao corrente do que succede em Espanha, escrevia-nos a 13-7: "O que acontece atualmente em Espanha é verdadeiramente tragico. Não passa semana que não se fuzele algum dos nossos companheiros. O franquismo faz praça de uma criminalidade tão feroz que não tem confronto fora do periodo sanguinario de 1936-39.

Depois da execução do companheiro Justiniano Garcia (que deixou viuva e dois filhinhos de tenra idade) assassinado, como o outro companheiro Acosta, há dois meses, em Saragoca, os fascistas perpetraram diversas outras mortes. Navarro, em Sallent (Barcelona); um outro jovem morto em Barcelona; agora me escrevem que está em riscos de morte José Lopes, o qual, junta-

mente com outros companheiros sustentou durante varias horas o fogo contra forças policiaes em um combate que custou a vida a um dos chefes da Falange. Lopes, gravemente ferido, calu nas mãos da policia e sera milagre se o não matarem. Existem outras dezenas de refens, todos pais de familia e companheiros valorosos. Uma carta recebida hoje traz a noticia de que o companheiro Francisco Deniz "Catala" se suicidou mediante envenenamento. Um companheiro de aqui, que o viu há cerca de 6 meses na França, diz que a sua perda é irreparavel. Tinha 50 anos. Conhecia a fronteira maravilhosamente. Caido nas mãos da policia de Franco foi por tal modo torturado que decidiu matar-se mediante uma capsula de veneno que conservava consigo.

"A ida de Franco a Barcelona produziu um recrudescimento de repressões, com perquisições noturnas em larguissima escala..."

O companheiro "Le Retif", por sua vez, manda-nos os seguintes dados que resume de "Solidaridad Obrera" (Paris 25-VI)

"Enquanto os jornalistas vendidos a Franco vão proclamando que o regime clerico-fascista espanhol não manterla um só detido politico, no carcere provincial de Madrid foram fuzilados os seguintes anti-franquistas acusados de atividades contra a segurança do Estado: Juan José Aranda Borillo, Francisco Poveda Ibañez e Antonio P. Porcel.

"O tribunal militar de Madrid discutiu em marcha acelerada o processo contra outros imputados de atentarem contra a segurança do Estado, os anti-fascistas: Victoriano Sanches Jimenez, Martin Heredero del Castillo e Marino Sevilla Chico. Foi juiz instrutor o catolicissimo coronel Eymar. As condenações foram de 25, 10 e 6 anos respectivamente.

"O tribunal militar de Bilbao condenou e fez fuzilar no cemitério de Derio os anti-fascistas Saturnino Lopez Marcos e Mateo Obra Lucla já detidos no carcere de Larrinaga. O pelotão de execução era formado de agentes da gendarmeria. A imprensa nenhuma noticia deu do fim destas victimas do fascismo.

"Solidaridad Obrera anuncia a iminencia do processo contra um grupo de anti-fascistas detidos no carcere de Larrinaga acusados de estar de posse de um aparelho de radio-emissão; o tribunal pediu: 20 anos para Valentim Gual; 17 anos para Fernando del Castillo, José Oromendia, José Luz Lejanagoitia e José Nuñez; 12 anos para Francisco Guridi; 8 anos para Javier Lastra, Serafin Urriazqui, Carmelo Bolivar, Miguel Perez, Manoel Sanchez e Angel Fernandez; 9 anos e um dia para José Aldabe e Eduardo Gamarra; 3 anos para Modesto Fernandez, Evaristo Albeniz, Cristobal Salazar, Tomaz Hernandez e Julian Santamaría.

"Candido Urquijo, de cinquenta anos, inscrito no Partido Socialista, de profissão mestre-escola, preso na segunda quinzena de Malo ultimo, acusado de pertencer à Junta de Resistencia Basca, foi tão barbaramente espancado que, levado para a enfermaria do carcere (em Bilbao) em um momento de desanimo, se suicidou. Deixa mulher e dois filhos".

Evolução e Revolução

Somos evolucionistas, quer dizer, cremos que a evolução humana nos conduz à anarquia, porque a evolução é progresso e este tende para a anarquia; mas sabemos tambem que o rapido e real avanço da humanidade para esse fim depende, em grande parte, da nossa conduta, das nossas ações no presente e no futuro, razão pela qual vemos na Revolução o melhor meio de acelerar este avanço, a melhor forma de realizá-lo.

Dai a preocupação dos anarquistas em levar à pratica as suas formas de vida, quando estas se enquadram nos conceitos do anarquismo, para que os demais seres humanos possam ver os beneficios racionais que o individuo obtem ao praticá-las.

Porém estas formas de vida não devem ser impostas para aqueles que não queiram vivê-las. O unico que podemos e devemos fazer, e vivê-las nós mesmos, exigir a liberdade para praticá-las, e dar essa liberdade aos outros para que pratiquem as suas; e, por ultimo, defender, empregando mesmo a violencia contra a violencia, o direito de fazer uso dessa liberdade, que desejamos para nós e para todos.

OCTAVIO ALBEROLA

Pequena Causa. Grande Efeito

"Um calculo renal prendeu-se na uretra de Cromwell, e eis o que modificou o destino do mundo". Com este exemplo o famoso pensador Pascal quis mostrar que causas banais podem ter resultados consideráveis.

O esperanto é, em si mesmo, algo sem qualquer importancia. Suponhamos, porém, que já há 40 anos todos os dirigentes dos movimentos e organizações operarias, todos os internacionalistas e pacifistas houvessem aprendido, divulgado e praticado esta lingua racionalmente artificial. Se tal houvesse acontecido, poder-se-ia afirmar com acerto que o processo histórico estaria trilhando o mesmo caminho?

Aqueles que participaram dos congressos da SAT (*), aqueles que, durante anos, se comunicaram diretamente com camaradas das mais diversas partes do mundo, aqueles que se sentem fortemente ligados a um movimento em que se ignoram as fronteiras nacionais e se fala a mesma lingua, esses certamente já se convenceram de que teria sido inteliramente impossivel a febre de patriotismo que enlouqueceu, em 1914, o espirito de milhões de trabalhadores internacionalistas e causou tantos assassínios e tantas ruínas.

Nossa lingua nacional é, em si mesma, coisa sem significado. Contudo, ela poderia tambem mudar a sorte da humanidade, se penetrasse no lu-

gar devido, isto é, no cérebro dos trabalhadores. O esperanto é apenas instrumento, que, como tal pode ser usado tanto para o bem, como para o mal. Ele, porém, é indispensavel à classe, cuja missão histórica será unir e, consequentemente, pacificar o mundo.

Isto já muitas vezes o dissemos, mas a repetição é necessaria. Inumeros camaradas, com efeito, não têm a noção devida da utilidade e importancia da tarefa dos esperantistas. Muitos membros da SAT consideram mesmo seu trabalho em prol do esperanto como causa accessória; grande parte deles gastam seu dinheiro e energia em bagatelas e tarefas sem importancia.

Já não me lembro quem foi a celebridade que disse: "é facil cumprir o dever, porém o dificil é conhecê-lo..."

São verdadeiros membros da SAT apenas aqueles que compreenderam ser a causa esperantista digna de sua dedicação, de seu tempo disponivel, de sua energia — de sua vida...

(*) SAT: "Sennacieca Asocio Tutmonda", a associação mundial dos esperantistas revolucionarios, com sede em Paris, cujo lema é: "O esperanto ao serviço do proletariado mundial".

INIMIGOS DO ESTADO

A nossa propaganda anti-autoritaria e anti-estatal seria apenas um sopro perceptivel contra a tenebrosa mole do mundo autoritário, se contra este não trabalhassem aqueles mesmos que dizem servi-lo e consolidá-lo.

A propaganda anarquica, ao contrario, exercita uma influencia irrecusavel no pensamento humano e no curso dos acontecimentos, por que, alem de suas justificações morais e teóricas, acna a propria confirmação nas experiencias da historia e na conduta contemporanea das instituições autoritarias e dos homens e dos partidos que que têm os poderes do Estado.

Basta, de fato, observar estes nomen e estes partidos na sua maneira de agir, para ver que se nao tivessem outro alvo, outra runção que não fosse desacerditar-se a si mesmos, o proprio officio, o principio e os manejos do Estado, não poderiam desenvolver maior empenho em tornarem-se ociosos e repugnantes.

Dir-se-á: Mas não foi sempre o Estado, pela sua mesma natureza, odioso e repugnante, inimigo implacavel da maior parte da coletividade, e a mais operosa, a mais util?

Certamente. Mas, com o triunfo da democracia politica, o Estado, dizia-se e diz-se ainda agora, mudou de natureza. Não é mais o instrumento de dominio absoluto do conquistador da terra e dos seus habitantes; não é mais o orgão da administração, igualmente absoluto, das minorias privilegiadas que fazem roda ao rei, ao capitão, ao representante, por direito de nascimento ou de eleição, da divindade. O Estado democratico instaurado pela burguesia vitoriosa representa todos os componentes da sociedade, o rico e o pobre, o culto e o ignorante, o forte e o debil, e existe para assegurar o direito, a vida, o bem de cada um e de todos.

Não é esta a configuração moral do Estado Moderno? E não foi, no breve espaço de poucos decenios, totalmente dissipada pela cubica, pela prepotencia, pela estupidéz e pela ferocidade de quantos, em nome da representação nacional, a outra coisa não atenderam senão a submeter a nação? E não foram precisamente os homens e as instituições do Estado que esvasiaram esta parodia burguesa do principio democratico de todo o conteúdo moral, de toda a pretensão humanitaria e civil?

Vinte anos de fascismo, de nazismo, de clericalismo, reduziram o Estado a uma tal monstruosidade que, na Europa, ninguém mais lhe dispensa a menor sombra de confiança. Superficialmente diz-se que a população italiana, por exemplo, está, pela miséria e pelas privações, reduzida a um tal estado de desesperação que nem ao menos lhe deixa a força de esperar.

Historias. A esperança não se apaga senão com a vida, e tudo prova, pelo contrario, que o povo italiano manifesta neste periodo

uma tenacissima vontade de viver. O que os italianos perderam foi a confiança nos partidos, nas idéias de que os partidos fazem reclame, nos homens que dirigem os partidos, no principio mesmo de autoridade; não têm mais confiança nem respeito pelo Estado, pelo qual se sentem subjugados, espoliados, atraçados. E se fazem semblante de obedecer-lhe ou de procurar-lhe a proteção, isso acontece somente por atavismo, com o mesmo espirito com que os seus antepassados se curvavam ao senhor antigo: com a lisonja de arrancar-lhe alguma pequena vantagem imediata, e... porque não têm outra alternativa.

Os governos da sucessão fascista, com o fim de reorganizar com uma semelhança de plausibilidade o Estado destruido pelos salteadores da monarquia, do capitalismo e da Igreja romana, tiveram que impor aos italianos a obrigatoriedade do voto.

O que fazem, porém, de tal representação, nos vemos todos os dias. Em todas as eleições que se sucederam, o partido clerical collocou-se em minoria: os partidos acharam todavia o modo de entregar o governo do Estado ao partido clerical, o qual se apresou em prostrá-lo aos pés do Papa. E como na Assembleia Constituinte os votos do partido clerical não bastavam para entregar a Italia ao Papa, os deputados comunistas, militantes dum partido que sempre fez profissão de ateísmo, e cietos por um eleitoorado pelo menos laico, correram em ajuda dos clericais votando a favor do artigo 7, que insere os acordos fascistas do Latráo na constituição.

Os comunistas, é verdade, repudiaram a teoria democratica, segundo a qual o Estado seria o representante de todos os membros da sociedade. Os comunistas sustentam que o Estado representa a classe, que onde eles exercitam os poderes do Estado, o governo representa a classe proletaria. Mas, apesar das parolagens e das censuras com que a ditadura comunista procura esconder ao mundo as suas velhacadas, duas coisas são já sabidas de todos e por toda a parte: o estado do proletariado é uma mentira como a do estado do povo; na União Soviética os trabalhadores estão sujeitos ao desfrutamento salarial como nos países de economia capitalista tradicional.

Os comunistas no governo criaram uma nova classe dominante que restaurou o absolutismo estatal em seu exclusivo e proprio proveito.

Nas democracias que ainda nos deliciasmos, as garantias constitucionais não estão ainda formalmente abolidas, mas vivem num estado de continua suspensão. Nos Estados Unidos, depois de haverem tirado aos cidadãos o direito de ser anarquistas e sindicalistas, tiraram agora o de ser comunista, amigo dos comunistas, ou amigos dos amigos dos comunistas. Há no Congresso membros

que parecem ter estado na escola de democracia de Francisco Franco ou de Mario Scelba, ao contrário da escola de Tomaz Paine ou de Lincoln. A nova versão da lei Pegler leva o ridiculo até exigir que... Henry Ford jure de não ser comunista; e o representante da California, Richard M. Nixon ameaça arrastar um juiz federal perante a Alta Corte de Justiça, porque no final de um processo recentemente julgado em Nova Iorque, aquele juiz não intimou os jurados a condenarem o imputado Alger Hiss, suspeito de acamaradar com os estalinistas em 1937-1938.

Quem poderia demonstrar de maneira mais tangivel que a pretensão segundo segundo a qual o Estado democratico representa todos os cidadãos, e a todos trata com as mesmas atenções, é uma fraude?

Todos os argumentos que a teoria anarquista apresenta para demonstrar que o Estado é immoral, danoso, violento, injusto, anti-social, acham confirmação crystallina, inquestionavel, nos fatos quotidianos da vida. De tal modo que a nossa propaganda vem a ser documentada e valorizada involuntariamente, claro, pela conduta dos sustentadores e dos aproveitadores do Estado.

O ambiente é, por consequencia, favoravel excepcionalmente à difusão das idéias anarquistas.

Para extrair das favoraveis condições do ambiente atual toda a vantagem possivel para a propaganda da idéia anarquistas, temos que nos dedicar com vigor a expor os nossos principios anti-autoritarios, tendo o cuidado de tornar bem claro que não somos um partido aspirante como todos os outros a conquistar os poderes do Estado — ou o privilegio de submeter os nossos semelhantes ao nosso dominio politico ou à nossa exploração económica —, mas sim um movimento de emancipação integral que preconiza a abolição do Estado e a abolição de qualquer autoridade e exploração do homem pelo homem.

(De "L'Adunata del Refrattari").

PROPAGANDA ANTICLERICAL

COLEÇÕES DE

"A LANTERNA

Dispondo ainda de varias coleções de "A Lanterna" numeros da ultima fase, com ilustrações, excelente materia de critica, combate e doutrina, serão remetidas sob registro, mediante o envio de Cr\$. 20.00, em em Vale Postal, ou Registrado com valor declarado, para Edgard Lencuroth, Caixa Postal 2162 — São Paulo.

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

- "Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainto Beuve — edição castelhana Cr\$ 35,00
- "Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri Cr\$ 35,00
- "Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine Cr\$ 35,00
- "Luisa Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc. Cr\$ 45,00
- "Tema da existencia e inexistencia de Deus" — Charles Duclax Cr\$ 20,00
- "As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker Cr\$ 15,00
- "La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine Cr\$ 35,00
- "O que es la Propiedad" — Proudhon, enc. Cr\$ 40,00
- "O Anarquismo ao alcance de todos" — José Oiticica Cr\$ 12,00
- "Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca Cr\$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal, 5739

SAO PAULO — CAPITAL

A C. N. T. DA ESPANHA

Em face da Linha Sindicalista Revolucionaria

Em recente congresso regional da Confederação Nacional do Trabalho (C.N.T.), levado a efeito em algum lugar da Espanha, a gloriosa organização anarco-sindicalista que desempenhou heroico papel no movimento revolucionario que determinou o estabelecimento da ditadura franquista, em virtude da invasão nazi-fascista, acaba de reafirmar os seus conceitos fiéis ao anarquismo.

As conclusões desse congresso foram enviadas às organizações filiadas à C.N.T. e às instituições espanholas por todo mundo que seguem a linha sindicalista revolucionaria da A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores).

A propósito dessas resoluções, traduzimos do jornal "Tierra y Libertad" o seguinte manifesto:

"A Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, sangrando ainda das (numerosas feridas recebidas durante treze anos de lutas cruentas,

renasce indomita e majestosa, disposta a não deixar-se arrebatada a gloria conquistada através de largos lustrros de titanico combate em prol das reivindicações proletarias, combate rubricado com o sangue de milhares de seus homens. A C.N.T. volta a ser a C.N.T.!

Nem as desapietadas acometidas de uns, nem as absurdas mistificações de outros, lograram fazer-lhes perder as características que são a sua propria vida. Porque a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha tem ante si o dilema de ser anarco-sindicalista ou não ser nada! Nem sua historia nem seus homens podem admitir termos medios.

Em determinado lugar da Espanha, qualquer lugar dessa Espanha atormentada e dolorida, pois em toda ela impera o vandalismo das hordas falangistas e a incompreensão das democracias corrompidas, vis e covardes, reuniram-se as representações do que há de mais são e galhardo no proletariado espanhol. E desde ali da sombra de um lugar incognito, lançaram seu grito de luz ao mundo, empunhando a antorcha do sindicalismo-revolucionario e apontando às multidões exploradas, que imprudentemente se prestam aos manejos dos imperialismos, o unico caminho a seguir para lograr a conquista dos seus direitos.

A Confederação Nacional do Trabalho de Espanha é hoje o que sempre foi, o que nunca poderá deixar de ser.

Tomem nota disto aqueles que chegaram a crer que os estampidos dos fuzis fariam emudecer as gargantas confederais, e como tal, autenticamente revolucionarias; aqueles que acreditaram haverem logrado embarcar a C.N.T. na imoralidade de certos conchavos. E tomem nota todos aqueles que, iludidos, pretenderam moldá-la a seu capricho, e, ignorantes, acreditavam que poderiam colhar uma colheita pensosa e laboriosamente cultivada pelos anarquistas! Os que manejaram a calunia e o en-

gano. Os que ostentavam uma representação concedida por um sistema semelhante a herança e que davam vida a umas "diretrizes" emanadas da "base", enquanto alardeavam que desde o ano de 1945 esta não havia podido tomar nenhuma resolução, pela simples razão de não interessar a sua opinião aqueles que se tornavam responsáveis pela sua existência, conscientes como estavam de que ela seria refrataria aos seus desígnios.

Tomem nota todos eles e não se esqueçam de que a verdade abre caminho, apesar de todos os obstaculos que lhe antepõem.

Saude, homens da C.N.T. da Espanha, embandeirada pelo sindicalismo-revolucionario! Deste lado do Oceano, os anarquistas da America vos saudam cordalmente e vos prometem não abandonar a luta até conseguir que a liberdade resplandesça nessas terras de autenticas messes libertarias".

A PLEBE

ANC 33 — NUM. 25 (Nova fase)

Estado e Futebol

Que o Estado se torna cada vez mais ridiculo, não é apenas afirmação nossa, mas do povo em geral e de facil constatação pelo pouco caso que este tributa áquêle.

Continua existindo, é bem verdade, com toda a sorte de enganos e falcatruas, mas começa a receber o merecido repudio.

Já é alguma coisa desprez-lo, e para a sua liquidação final um passo a menos. Isso a gente sente observando o interesse que o jogo de futebol desperta entre o povo. A semana toda gira em torno das pejejas do proximo domingo. Febril excitação se apodera do povo que só encontra sossego quando cá a tarde de Domingo. Mas já na Segunda-Feira reavivam-se os comentarios e os corações passam a bater palpitantes.

Ninguém quer saber se os chamados representantes do povo, tomam esta ou aquela deliberação, aprovam esta ou aquela lei, criam novos impostos, se estão vivos ou mortos. Pouco se lhe dá se as refinarias do petroleo virão ou não, se os estoques de café do D.N.C. continuam a ser roubados, se os alugueis serão aumentados, se os eleitos passarão a perceber mais subsídios, nada disso interessa, a muito pouco o Povo atende, o que ele quer é futebol, isso sim, por isso ele vibra e se entusiasma.

A transferência do Brandãozinho, a vinda do Jair, os "goals" do Friaça, a maravilha do Arsenal, a taça do Mundo, o campeonato paulista, a linha média do São Paulo, o exodo dos futebolistas argentinos, a invencibilidade do Santos em Vila Belmiro, quem será o Lanterna este ano, quem o sucederá, preocupa mais que o destino do Neru et caterva.

Por toda essa ordem de acontecimentos o povo se agita e é feliz.

Lá quer saber se o deputado do Maranhão está bem intencionado, se o senador de Santa Catarina está mais ainda ou se um Ministro qualquer manda empastelar um jornal!

Duvidamos mesmo que alguém do Povo seja capaz de dar o nome de dez deputados da Cam. Federal ou Estadual, e o nome de um só senador. Ministro então nem se fala. Quase total desconhecimento. Magnifico sintoma. Pergunte-se, porém, o nome dos jogadores do quadro do Vasco, do Corinthians ou do Palmeiras. A maioria, sem distincão de idade, sexo ou cor, responderão com profusão de informes. Sobre cada craque terão uma historia a contar. Esmiucarão pequeninos fatos com carinho entendedor. Saberão falar do genio irascivel do Heleno, da fortuna acumulada pelo Domingos da Gula, do Friedenreich episódios multiplos cobrindo-o de glorias, de Flavio Costa tecnico e assunto obrigatorio de todas as conversas em que é apontado como o mais completo preparador.

Homens dos mais variados setores e culturas apaixonam-se e discutem sobre futebol. Emitem conceitos judiciosos. Os veteranos são chamados de saudosistas, os mais novatos afirmam que o futebol praticado hoje é de melhor qualidade, os veteranos dizem o inverso, contudo ambos de mãos dadas seguem para os campos nas tardes esquentadas ou chuvarentas em busca da porfia e da vibração.

Dirão que a imprensa, em parte, se encarega dessa propaganda. De acordo, e já temos em nosso meio

jornais diários ocupados exclusivamente com assuntos futebolísticos, e um deles até orgulha-se de uma tiragem de mais de 100.000 exemplares num só dia de venda. Essa tiragem mostra-nos claramente que o povo, além de assistir as pejejas por falta de coisa melhor, ainda procura ler também pelo mesmo motivo. Quem acredita ou se interessa pelas discussões nas Camaras dos chamados representantes do Povo? Quem os lê? Rarissimos e com toda a certeza esses devem ser inimigos do futebol. Esse desinteresse do Povo pelos fatos politicos em nosso meio, mostramos a sua repulsa pelo Estado e o faz sem se aperceber disso. Anarquismo inato, instintivo.

Quando o São Paulo se exhibe na Capital ou em qualquer cidade do Interior o exito de arrecadação é total. Apesar das entradas serem escorchantes, o povo comparece seculoso; e aquele que, por qualquer motivo, não pode assistir à pejeja, segue pelo Radio toda a transmissão sem arredar pé um só instante. Experimentem por outro lado os politicos convidar o Povo para uma reunião no Paçoembú por exemplo tendo programado uma série de discursos.

Vasante total, é claro, e o pau não comesse talvez a assistencia fosse maior e o espetáculo se resumiria numa apoteotica vaia.

Mas quem se arrisca e quem tem a humana coragem de conter os capangas da Lei Esse desinteresse do Povo pela politica obriga a pensar em recusa e rejeição ao Estado. Dirão que o povo continua votando. Não negamos, mas a verdade é que nesse dia não há futebol, e assim mesmo, apesar de ser o voto obrigatorio e sujeito a sanções, apenas uma percentagem insignificante comparece às urnas.

Se nesse dia em todas as cidades se realizassem renhidas partidas futebolísticas, temos a certeza de que as eleições deveriam ser adiadas por falta de numero. Ninguém mais vê com bons olhos afirmações do genero "forças vivas da nação", democracia, socialismo dá de peitos na garganta desse politiqueros e que valem menos que as bicicletas do Leonidas.

Anda muito bem o povo ignorando a existencia desses fulanos que prometeram lutar pelos seus direitos e acabam se aboletando em maclas politronas.

Um hurrah áquelles que, no grama-do, debaixo de sol ou chuva, lutam pela vitoria do seu quadro, demonstrando esforço e fibra.

Outrora pensei que o futebol embrutecia; hoje penso de modo diferente. E faço um apelo: "Povo, continue a comparecer nas canchas para aprender a lutar; deixa de lado as passeatas militares, as Camaras, as procissões, deixa esses desfibrados marcharem e falarem sozinhos; continue acorrendo aos campos de futebol e dê vao ao teu ardor enquanto não chega o dia da Redenção".

FRANCESCO DE MILANO

Leiam e divulguem a "Ação Direta", jornal anarquista que se publica no Rio, sob a direção do prof. José Otúica.

CURSO POPULAR DE HIGIENE MENTAL

Vêm sendo realizadas, desde o dia 6 de Agosto, ás conferencias do Curso Popular de Higiene Mental, iniciativa do Centro de Cultura Social, Centro de Estudos Franco da Rocha e Universidade Popular "Presidente Roosevelt".

Esse curso, que se compõe de 14 palestras, das quais já foram realizadas 10, a cargo de competentes professores, terminará no dia 5 de Novembro, devendo ainda ser abordados os seguintes temas:

15 — Pensamento magico e higiene mental — Dr. Anthero Barata Barradas.

22 — Criança problema. Delinquencia infantil. Menores abandonados — Dr. Spartaco Vizzotto.

29 — Significação da politica na sociedade hodierna — Dr. Milton Sabbag.

Congresso Mundial do Esperanto

Em Paris, na vasta sala do Palacio da Mutualidade, teve lugar no dia 30 de Julho do corrente ano a abertura do 22.º Congresso Mundial da Sennacieca Asocio Tutumonda (S.A.T.), organização mundial esperantista revolucionaria.

Este Congresso, cujos trabalhos prosseguiram até o dia 5 de agosto, reuniu cerca de 2.000 delegados, vindos de 20 países diferentes: Argentina, Finlândia, Brasil, Portugal, Austria, Noruega, Alemanha, etc..

No vasto salão do Palacio da Mutualidade, a primeira coisa que feria a atenção do visitante era um grande quadro representando dois jovens separados pelo globo terráqueo, e que, através das fronteiras, se estendem as mãos, lendo-se esta expressiva inscrição: "Nós, trabalhadores do mundo, estamos unidos".

Dando inicio aos trabalhos do 22.º Congresso Esperantista, foi projetado na tela um filme biografico dos fundadores do Esperanto, dr. Zamenhof e de nosso camarada libertario Lanti, ambos já falecidos; em seguida, todos os congressistas entoaram vibrantemente a "Internacional".

Em meio ás mais expressivas manifestações de fraternidade universal, a abertura do Congresso foi seguida de um magnifico concerto levado a efeito por artistas esperantistas.

Os anarquistas da S.A.T. realizaram no domingo seguinte a tarde de uma reunião para troca de idéias, durante a qual ficou decidido que os anarquistas deverão trabalhar intensamente, nos respectivos países de origem, no sentido de fazer ressurgir o Congresso Anarquista Mundial.

A Federação Anarquista Francesa, tendo sido convidada, fez-se representar pelos camaradas Boucher e Cavanille que levaram aos congressistas a saudação dos anarquistas da França.

Os esperantistas da S.A.T. não consideram o esperantismo uma panacéia universal; pensam, ao contrario, e com justa razão, que constitui uma arma poderosa nas mãos das classes operarias.



Este é o verdadeiro triunfador de todas as guerras: prototipo do acambarcador é ele o responsável pelo desequilíbrio social provocado pelo elevado custo da vida. Sua Excia., o "Tubarão"!

O Anarquismo na Coreia

O SECRETÁRIO DA FEDERAÇÃO GERAL DOS ANARQUISTAS COREANOS FAZ UMA EXPOSIÇÃO RESUMIDA DO MOVIMENTO ANARQUISTA DA COREA

A Federação Geral dos Anarquistas Coreanos é a unica organização de todos os anarquistas na Coreia. Foi fundada em 2 de novembro de 1928, na velha cidade de Penguang — que tem uma tradição de 4.300 anos — em segredo, sob o jugo da brutal e cruel policia japonesa, por um punhado de anarquistas coreanos que decidiram sacrificar-se em prol do movimento anarquista.

Desde então se tornou dia a dia mais vigorosa e sistemática, dentro e fora do país, a luta dos anarquistas coreanos, apesar de que muitos nos nossos companheiros, vítimas da crueldade imperialista, foram inescrutavelmente encarcerados e mortos.

Da evacuação do nosso país pelos bandoleiros japoneses em 15 de Agosto de 1945 nada de favoravel resultado para nós, pois que o nosso país continuou ocupado pelos exercitos russo e norte-americano, que o dividiram em duas partes e, graças à nova ocupação, continuaram desenvolvendo-se cada vez mais as forças reacionarias tomando a cor do fascismo vermelho ao norte e do fascismo branco ao sul.

Contudo, a despeito de tantas dificuldades, nós, confiando no triunfo final, continuamos e continuaremos lutando até ao dia em que no nosso país, cujo povo intimamente deseja a prepara a futura revolução, se erga a nova sociedade sobre a base da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Aos camaradas anarquistas de todo o mundo, nós pedimos que nos ajudem com a sua prolongada colaboração que virá fortalecer a nossa frente de batalha e apressar a data em que obteremos o triunfo final.

Sentimos necessidade dos endereços de organizações e individuos anarquistas com quem nos possamos

corresponder, tanto mais que desconhecemos o movimento anarquista do exterior, não só devido ás dificuldades de aquisição de livros e jornais, como também a diferença fundamental da lingua. Acresce ainda que, durante longos anos, os cruéis imperialistas japoneses, com uma severa espionagem suprimiram-nos toda e qualquer possibilidade de nos correspondermos com os camaradas do exterior.

Tencionamos instalar a nossa biblioteca, para o que precisamos de livros anarquistas que muito necessarios e tornam para propagar a Idéia, mas temos dificuldades em os encontrar no nosso país, onde tais publicações foram confiscadas pelas cruéis gendarmaria e policia imperialistas. Por isso, vimos pedir aos companheiros de todos os países que nos enviem livros, jornais e estampas anarquistas, de que necessitamos para a obra de propaganda deste glorioso movimento de libertação dos povos.

W. YOURIN

FESTIVAL

No próximo dia 29 do corrente realizar-se-á mais um grande festival dramático-dansante do Centro de Cultura Social, em que será representado, pelo grupo dramático do Centro, o emocionante drama de Dario Nicodemi — "A Sombra".

Animado baile familiar terá lugar na 2.ª parte deste festival, que será realizado no salão V. B. E. sito à rua Brigadeiro Machado n.º 71, a partir das 20 horas.

